

A religião do encontro: a ética de Martin Buber

*Vitor Chaves de Souza**

Resumo

Este artigo analisará, inicialmente, os conceitos elementares da filosofia de Martin Buber tais quais o Eu, o Tu e a profundidade do relacionamento humano. Posteriormente, investigará as implicações filosóficas da relação entre religião e ética no âmbito do encontro, servindo-se de exemplos no pensamento do próprio autor e de outros filósofos e teólogos que colaboram para a reflexão acerca do tema. Por fim, levar-nos-á à elaboração da religião do encontro, que é a manifestação original da ética da responsabilidade e do compromisso religiosos com o mundo, característicos do pensamento de Buber.

Palavras-chaves: ética; religião; encontro; alteridade; Martin Buber.

Abstract

Initially, this article will examine the basic concepts of the philosophy of Martin Buber, such as I, You and the deepness of the human relationships. After that, it will investigate the philosophical implications between religion and ethics in the context of the encounter, presenting some examples from Buber's thoughts and other philosophers and theologians who collaborate for this subject. Finally, the article will take us to the encounter religion, which is the original manifestation of the ethic of responsibility and the commitment to the religious world, a characteristic of Buber's thought.

Key words: ethics; religion; encounter; otherness; Martin Buber.

Introdução

* Teólogo e doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

Alguns assuntos são centrais no pensamento de Martin Buber. Para introduzir o pensamento de Buber, podemos seguir dois viés: a *religião*, que possui um papel decisivo nos pressupostos filosóficos de Buber, e o *encontro* que é o elemento que caracteriza seu pensamento. Suas obras, se lidas enquanto um conjunto, poderiam formar um tratado de ética, sobretudo uma ética religiosa, a qual Buber deixou implícita em apontamentos e ensaios acerca do tema em seu pensamento registrado nos textos. Propomos refletir o tema da relação entre religião e ética no pensamento de Buber através de uma unidade reflexiva que, tendo em vista a ética sob o pretexto de uma *religião do encontro*, leva-nos a refletir sobre os próprios temas do autor, os quais se destacam: a aporia Eu-Tu, a condição humana como realidade para Deus e a ética como via do divino para a manifestação no inter-humano, fundamentando, assim, a religião do encontro – que é a ética da responsabilidade.

1. Uma ética vivida com o outro

Martin Buber nasceu em Viena, aos oito de fevereiro de 1878. Descendente de família de rabinos poloneses, cresceu em um ambiente, como ele mesmo denominou, sem religião. Graduou-se em filosofia e foi professor de História das Religiões e Ética Judaica na Universidade de Frankfurt, onde lecionou filosofia e religião de 1923 a 1933. Residiu na Alemanha de Hitler até 1938 e traduziu o Antigo Testamento para o alemão. Mudou-se para Israel e se tornou professor da Universidade Hebraica de Jerusalém. Não poupou esforços para promover o entendimento entre israelenses e árabes, e, no período pós-guerra, lutou para restabelecer o diálogo com intelectuais alemães. Foi nomeado ao prêmio Nobel da Paz em 1959. Entre suas principais obras, estão *Eclipse de Deus* e *Eu e Tu*; e sobre religião, estão *As histórias de Rabi Nachman*, *A lenda de Rabi Baalschen*, *Daniel*, *Discursos sobre o Judaísmo*,

Encontro, A fé profética e Imagens do bem e do mal. Martin Buber faleceu em Jerusalém, no dia 13 de Junho de 1965.

Para refletirmos sobre religião e ética no pensamento de Martin Buber, propomos partir de sua grande preocupação. Assim como Sören Kierkegaard, Buber sentiu a exigência de procurar uma solução ao problema no qual estava mergulhada a humanidade: *a ruptura entre o ser humano e Deus*. Esta ruptura levou Buber à tarefa de buscar um meio para recuperar o relacionamento *entre* as pessoas – e que é refletido na relação com o mundo e com o divino –, tornando possível o diálogo. Decisivo no pensamento de Buber são três temas: a *religião*, a *alteridade* e o *encontro* – neste último Buber depositou todo seu esforço e dedicou grande parte do seu trabalho durante sua vida.

Martin Buber foi judeu e, apesar de seu lar não religioso, esteve inserido, ao longo de sua vida, no contexto do hassidismo. “Buber foi profundamente influenciado por tradições místicas fora e dentro do judaísmo”¹, observou Paul Tillich. Buber descobriu o misticismo judaico dos Hassidim, vivenciou um socialismo religioso e converteu-se ao sionismo cultural. A mistura de sua formação religiosa e secular o fez reprovar as religiões de caráter fundamentalista e institucionalista. A seu ver, a religião estatal ou a religião que se fecha para o diálogo nega o ser humano em suas condições existenciais. Em busca do que chamamos de religião do encontro, Buber declarou: “Devo confessar que não gosto muito de religião e fico contente que esta palavra não se encontra na Bíblia”². Não há contradição quando Buber utiliza o termo em suas reflexões – e ele usa a palavra religião frequentemente –; a questão da religião consiste, para o hassidismo, assim como para Buber, na “consagração do mundo”: não é a aceitação do mundo como ele é nem seu abandono na direção do divino transcendente, mas “sua consagração no sentido de ver o divino em tudo”³. Através dessa distinção inicial caminham, juntas, a religião e a ética em Buber.

¹ TILLICH, Paul. *Teologia da cultura*, 2009, p. 247.

² SMITH, Gregor Smith. *Martin Buber*, 1975, p. 33.

³ TILLICH, Paul. *Teologia da cultura*, 2009, p. 250.

Motivado por impressões pessoais religiosas, Buber elaborou uma filosofia existencialista cujo centro é alteridade, i.e., o diálogo entre o *Eu* (ser humano) e o *Tu* (o semelhante, o Isso, e Deus). Em termos práticos, ele fez filosofia mística e, basicamente, existencialista. Dentre suas influências, destacam-se: Feuerbach (a ideia de que a identidade do ser humano está exclusivamente sobre a realidade da diferença entre o eu e tu), Kant (o princípio da moral de que não devemos tratar nosso semelhante como um fim, mas como um *meio de encontro* com a totalidade), Nietzsche (a questão do tempo e da eternidade), entre outros, como Gustav Landauer, Mestre Eckhart e, sobretudo, e principalmente, Kierkegaard (o existencialismo e o problema de Deus). No entanto, mesmo com tais influências e tradições, Buber não quer desvirtuar o sentido de sua vida e obra através de um sistema filosófico ou religioso conhecido – ele não se deixa caracterizar por um sistema doutrinário. Diz-se um *homem atípico* (*atypischer Mensch*). O compromisso de sua reflexão é com a vida. Ele deposita grande fé no humano (*Menschensein*); por isso, esforça-se no relacionamento humano e no encontro com o outro.

2. O princípio Eu-Tu

“Ser gente significa ser o ente que está face a face”⁴. Viver é colocar-se “em um estar com outros”. Percebemos o outro como ente, um existente face a face nas nossas intencionalidades do cotidiano. As pessoas se percebem e se relacionam a partir de suas semelhanças. Reconhecemos os outros e nos reconhecemos através dos outros. A esfera do relacionamento caracteriza o ser humano. Ingressamos no nosso ser através do relacionamento. Aquilo que chamamos de mundo acontece com inteira realidade no *encontro* do um com o outro. Em sua autobiografia, Martin Buber comenta que sentiu a dimensão completa do encontro com o outro pela primeira vez com um cavalo. Ele, ainda garoto, tinha o cavalo de seu avô como animal e companheiro favorito. Nas férias brincava com o seu “amigo” quan-

⁴ BUBER, Martin. *Encontro: fragmentos autobiográficos*, 1991, p. 60.

do teve a experiência *do outro*, “a extraordinária alteridade do outro”⁵, diz ele, verdadeiramente o próprio outro, que o deixava aproximar, confiar e relacionar. A partir desta experiência, junto à sua carreira na filosofia, Buber reflete e constrói um pensamento existencial, o pensamento do Eu e Tu, que privilegiará o bom relacionamento entre as pessoas para uma vida ética.

A filosofia do Eu e Tu de Martin Buber representa o estágio mais completo e maduro de seu pensamento. Representa um de seus trabalhos originais. É uma descrição fenomenológica das atitudes do ser humano no mundo, uma fenomenologia das palavras e, além, “uma ontologia da relação”⁶. O ser humano se introduz na existência através das palavras dialógicas, as *palavras-princípio* (*Grundwort*). As palavras-princípio são duas intencionalidades dinâmicas que configuram uma direção entre dois polos, entre duas consciências vivas, entre o *Eu e o Tu*. Fundamental no pensamento de Buber é a dualidade presente na vida. O mundo é duplo para o ser humano e sua atitude é dupla de acordo com a dualidade das palavras-princípio. As palavras-princípio são: Eu-Tu, Eu-Isso e Eu-Tu Eterno/Divino (que poderíamos traduzir por Deus). As palavras-princípio são proferidas pelo ser (*Wesen*).⁷ Ao proferi-las, fundamentamos um modo de existir: o modo de ser em relação ao outro. A palavra Eu não existe sozinha. Para o Eu existir, precisa-se do outro polo desta palavra-princípio: precisa-se de um Tu ou um Isso. A relação que acontece entre as palavras-princípio “é um evento que acontece entre o homem e o ente que se lhe defronta”⁸. A palavra-princípio porta o ser que é “abertura ao outro, saída para o outro”⁹. A pessoa que profere a palavra-princípio Eu está comunicando o fenômeno da essência do ser com o outro. Essa é a condição da existência no mundo que aponta para o encontro.

⁵ BUBER, Martin. *Encontro: fragmentos autobiográficos*, 1991, p. 19.

⁶ VON ZUBEN, Newton Aquiles em BUBER, Martin. *Eu e Tu*. 2001, p. XLI.

⁷ A tradução mais correta de *Wesen* é “essência”. No entanto, “geralmente *Wesen* significa para Martin Buber, em *Eu e Tu*, “ser”, “natureza”. *Ib. ibid.*, p. 157.

⁸ *Ib. ibid.*, p. XLVI.

⁹ MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da Percepção*. 2006, p. 478.

A palavra-princípio Eu se diferencia do Eu de outra palavra-princípio, de outra pessoa. Isso não significa que existem dois “eus”, mas, sim, a existência de uma dupla possibilidade de existir enquanto ser humano. O Eu, para quem o pronuncia, é o Tu para quem o percebe. A estrutura da vida e do relacionamento é dual. Há dois mundos, há duas relações. Por isso Buber chama de palavra-princípio a relação Eu-Tu: o Eu não pode ser proferido sem se ter um Tu para receber a intenção do Eu; mas, do outro lado da relação, o Tu passa a ser Eu para o mundo daquela pessoa, e o primeiro Eu passa a ser Tu. Essa é a ideia básica do encontro para a condição existencial do relacionamento humano.

Semelhantemente, o Eu se relaciona com o Isso. O mundo dos Issos não é composto de apenas objetos. O Isso pode ser qualquer coisa que é considerado um artefato de uso, objeto de conhecimento ou experiência de um Eu. Já o Tu, esse é qualquer ser que esteja presente no face-a-face: homem, Deus, uma obra de arte, uma pedra, uma flor, uma peça musical. A relação Eu-Tu e Eu-Isso se dá pela função da experiência do Eu. A relação Eu-Isso não é inferior da Eu-Tu: é somente uma postura de atitude vital diferente da outra. Na relação do Eu-Isso, o Eu *experimenta* o Isso; com o Tu, o Eu se *relaciona*. O Isso é um *objeto* para o Eu; o Tu é *presença*. O Eu *utiliza* o Isso; Eu e o Tu se *encontram*. O Eu *cuida* do Isso; o Eu *ama* o Tu. O Eu tem *vontade arbitrária* sobre o Isso; o Tu tem *livre-arbítrio*. O Eu *possui* o Isso; mas o Tu *é*, ele simplesmente *é*. A inversão destes valores, tratar um Isso por um Tu, ou um Tu por um Isso, provocaria a crise no relacionamento e, conseqüentemente, a crise da ética. Usar o outro Eu, o Tu, como um Isso, um objeto, alteraria o modo de ser da existência pessoal que o ser humano deve cuidar. A consciência do “entre” que está na relação com um Tu e com um Isso vincula ontologicamente o ser, sem que ambos os polos, Eu-Tu ou Eu-Isso, percam sua realidade e atualidade.

Em resposta à relação entre Eu-Tu ou Eu-Isso surge a *responsabilidade*. O fenômeno da resposta é fundamental na relação e para a vida. Acontece no *entre* da relação (entre o Eu e o Tu). Para Buber, a palavra *entre* é a expressão mais adequada para o *ethos* (ética).¹⁰ Do

¹⁰ VERÍSSIMO, Luis José. *A ética da reciprocidade: um diálogo com Martin Buber*, 2010, p. 21.

encontro ético nasce a responsabilidade: como resposta ao outro e, ao mesmo tempo, como “obrigação” de ser responsável pela sua resposta e pela relação com o outro. Aqui vale uma nota etimológica: a raiz latina das palavras “resposta” e “responsabilidade” é a mesma. Desta forma, a responsabilidade como projeto do homem na história do viver em um nível real e essencial da vida humana “é a resposta ao apelo do dialógico”¹¹. Todo relacionamento, como resposta de um ser ao outro, deve ser responsável. A responsabilidade transcende o nível moral para um nível mais amplo: a ética da reciprocidade. Aqui chegamos num dos estágios mais elevados do pensamento de Buber: o âmbito ontológico da relação e a questão de Deus.

A filosofia de Buber tem sua finalidade na ontologia. O pensamento de Buber é essencialmente ontológico, uma vez que prioriza o ser humano em suas reflexões e aponta para as palavras-princípio. A filosofia de Buber é, portanto, uma *vivência* que se vive *entre* – e que precede o cognoscitivo.¹² O *entre*, aquilo que está genuinamente na relação, é uma categoria ontológica, pois é neste *entre* do relacionamento que é possível a aceitação e a confirmação ontológica dos dois polos envolvidos no evento da alteridade. O encontro é natural; a relação é opcional. Pode-se optar por um bom relacionamento ou não. O diálogo e a presença são, por isso, fundamentais para o bom relacionamento e a ética acontecerem. Novamente, é no *entre* dos relacionamentos que o ser se manifesta e conhece o mundo. Para isso acontecer de fato, deve haver *totalidade*: a participação e a presença total no relacionamento revelam a totalidade do ser e a ética possível na manifestação do ser – e nessa totalidade há a infinita questão de Deus.

4. Direção relacional: o Tu-Eterno

¹¹ VON ZUBEN, Newton Aquiles em BUBER, Martin. *Eu e Tu*. 2001, p. LX.

¹² VON ZUBEN, Newton Aquiles. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. 2003, p.151.

Martin Buber não se interessou por definir Deus, mas torná-lo real para cada indivíduo, a seu modo, no relacionamento entre Eu-Tu Eterno. “Cada Tu individualizado é uma perspectiva para ele”¹³, o Tu Eterno, diz Buber. Relacionar-se com o Tu Eterno não é olhar fixamente para ele nem afastar o olhar do mundo, mas contemplar o mundo em Deus; incluir a existência na totalidade, no Tu, no Tu Eterno, e atribuir ao mundo o seu direito e sua verdade. “Não compreender nada fora de Deus, mas apreender tudo nele; isso é a relação”¹⁴, para Buber. Deus envolve o universo e abarca o si mesmo, envolve a exclusividade e a inclusividade absolutas numa unidade, onde tudo é englobado. O Tu Eterno é a realidade final de toda relação, presente em qualquer ser, disposto a fundar e transcender a existência humana. O Tu Eterno não pode ser preso nem apreendido por mãos humanas; antes, só pode ser manifestado num relacionamento ético com o Tu e com o Isso.

O mesmo equívoco que um Eu pode cometer ao considerar, adaptar ou tratar um Tu por um Isso, pode-se, também, reduzir o Tu Eterno num Isso – como notou Paul Tillich ao analisar a filosofia do Eu e Tu de Martin Buber, comentando que “o protestantismo liberal adaptou o Deus da Bíblia ao mundo das coisas da moderna civilização técnica”.¹⁵ A crise que tormenta o relacionamento humano é o fato do Eu perceber as coisas, “mas não se relacionar plenamente com elas”¹⁶, agindo apenas por interesse próprio ou pela razão – como alertou Karl Marx, em sua filosofia, de que o ser humano só se encontra com o outro por intermédio da matéria no interesse do dinheiro.¹⁷ Este interesse em usar o outro como um Isso é, para Buber, irresponsabilidade e ausência de ética. “A relação Eu e Tu transferiu-se aqui para a esfera da emoção e da subjetividade”¹⁸, disse Tillich: deixa-se a matéria, interesses, ideias, dogmas e crenças de lado, pois elas separam o ser humano, e vive-se o bem ideal comum para todos, permitindo assim a manifestação do outro, o totalmente outro.

¹³ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. 2001, p. 87.

¹⁴ *Ib. ibid.*, p. 92.

¹⁵ TILLICH, Paul. *Teologia da cultura*, 2009, p. 245.

¹⁶ *Ib. ibid.*, p. 245.

¹⁷ GIANNOTTI, José Arthur em *Os Pensadores: Karl Marx*. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2005, p. 16.

¹⁸ TILLICH, Paul. *Teologia da cultura*, 2009, p. 246.

Vimos, portanto, conceitos fundamentais em Martin Buber sobre a base de seu pensamento acerca do relacionamento humano: encontro, existência e ser (essência). Estas categorias, quando vividas em sua plenitude, são condições primordiais para a “salvação ética” da humanidade. Como observou Tillich, a salvação, no seu caráter de revelação divina, não se trata de um tipo de informação, conceito ou dogma, mas uma experiência que se dá por meio do encontro, sobretudo o encontro existencial baseado no despojamento divino da “manifestação extática do Fundamento do Ser em eventos, pessoas e coisas”¹⁹.

5. Uma filosofia ética

Martin Buber foi um filósofo essencialmente teólogo. Sua fluência bíblica (Buber foi um tradutor do Antigo Testamento hebraico para o alemão) influenciou sua filosofia, que possui raízes no talmude e no hassidismo. Constantemente Buber utiliza passagens bíblicas para ilustrar seu pensamento filosófico. De fato, sua filosofia é religiosa e humanista – cabe ao leitor não se impressionar com a criatividade do pensamento filosófico de Buber ao instaurar suas ideias na religião.

A realidade humana, para Buber, é a via de acesso para Deus²⁰ e, citando Kierkegaard, a ética é “o único meio pelo qual Deus se comunica com a humanidade”²¹. O caminho da ética acontece, novamente, no *entre* do relacionamento humano. Deus, enquanto Tu Eterno, manifesta-se e comunica-se com a pessoa por meio da ética. Realidade humana e ética se complementam, sem a pretensão de fazer uma absolutização da ética ou do humanismo. Devemos destacar aqui que o cenário para o *entre* é a ética – e a ética é a condição de toda a dimensão religiosa. Enquanto para Kierkegaard a ética é um primeiro passo para a

¹⁹ *Ib. ibid.*, p. 372.

²⁰ VON ZUBEN, Newton Aquiles, In: BUBER, Martin. *Eu e Tu*. 2001, p. LXIII.

²¹ “*The ethical as the only means by which God communicates with ‘man’*”. KIERKEGAARD, Sören *apud* BUBER, Martin. *Between man and man*. 1965, p. 55.

religião²², para Martin Buber ambas se correspondem a fim de trazer a justiça e verdade ao momento presente. Ética, filosofia e religião andam juntas, principalmente, ética e religião, e elas acontecem quando há o encontro responsável com o Tu, o Isso e o Tu Eterno.

Os relacionamentos que faltam ética tem sua origem na irresponsabilidade consigo e com o outro; tem sua origem na prática do mal. Buber diz que o ser humano, em sua gênese, não é mau: “a ‘maldade’ não significa perversão da alma, que foi introduzida no homem pelo sopro vivificador, mas uma *perversão* da conduta que enche a terra de violência”²³. Deus, na sua criação, relatada no começo do Gênesis, criou o ser humano essencialmente “bom”; e ao final de sua criação viu que “estava *muito bom*”. Como foi que desde o “muito bom” dos primeiros humanos se chegou ao “unicamente mau” da humanidade? A alma humana, em sua gênese, não é má. Para Buber, o mal, que impossibilita o encontro e a realização da ética, está na tendência em se fazer o mal. Buber, nestes termos, é agostiniano: “procurei o que era a maldade e não encontrei uma substância, mas sim uma *perversão da vontade desviada da substância suprema*”²⁴, disse o Santo. O que existe, para Buber, como também para Santo Agostinho, é a *perversão* da vontade em se fazer o mal no mundo. A tendência (ou a tendenciosidade) do mal teria sua raiz na passagem do *bom* para o *muito bom* da criação. Conhecedor do hassidismo, Buber fundamenta, aqui, sua filosofia do bem e do mal no relato de criação registrado no livro do Gênesis. Deus colocou dois instintos no ser humano: o *bom* e o *muito bom*. Ao final de sua criação, Deus contemplou o que fizera e achou tudo *muito bom* (Gn 1,31). Este *muito bom* refere-se, segundo Buber, à brecha do *instinto mau*, quanto ao instinto *bom* só lhe cabe o predicado bom. O fundamental é *muito bom*, que se chama de *instinto mau*, porque o ser humano, no desespero de se tornar *muito bom* em relação aos outros, tornou este instinto em mal. A tarefa não é excluir o mau instinto, mas retorná-lo à sua origem, coaduná-lo novamente ao bom instinto: o instinto do *muito bom*.

²² BUBER, Martin. *Between man and man*. 1965, p. 56.

²³ BUBER, Martin. *Imagens do bem e do mal*, 1992, p. 27.

²⁴ SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004, p. 190.

O primeiro homicídio da humanidade foi o de Abel. Caim, o lavrador, assassinara o irmão Abel, o pastor. O motivo? Não o sabemos. Talvez nem Caim conhecia a morte, o ato de assassinar alguém golpeando-o com violência – pois este seria o primeiro crime da humanidade. Em suma: para a morte de Abel não há um motivo decisório, mas uma ocasião. A prática sacrificial era algo comum no povo semita. Abel, por ser pastor, poderia levar animais de oferenda a Deus; Caim, por ser lavrador, não teria esta facilidade. Seria a inveja que levou Caim a atacar o irmão? Para Buber, este estória é um relato do mito da inveja divina. O motivo da tragédia em si não é conhecido, mas se pode notar a presença dos sentimentos *bom* e *muito bom*. Caim deseja ser *muito bom* em relação ao irmão, que era *bom*. E a saída é anular o irmão para ele ser melhor que ele. Esta é a crise da ética e do relacionamento, onde uma pessoa, além de olhar o seu Tu como um Isso, tem que, como consequência do seu desejo de ser *muito bom*, anular o semelhante. A crise é anular o Tu. Caim é o primeiro exemplo de anulação do Tu num relacionamento onde o encontro e ética são postos de lado para fins próprios.

Martin Buber adverte que não podemos compreender a questão do mal se concebermos o bem e o mal como duas forças ou orientações diametralmente opostas. Na verdade, são duas forças diversas: o atrito entre o *bom* e o *muito bom* é o fermento que Deus colocou na alma e sem o qual a alma humana não cresce. O *muito bom*, por ora confundido com o instinto mau, é a paixão, a força propriamente dita do ser humano, sem a qual não se consegue gerar nem procriar; o *bom*, confundido com o instinto bom, é a orientação pura, exclusiva para Deus.²⁵ O Eu é o suporte e o fundamento da relação pura e absoluta da ética da responsabilidade. O Tu sendo Eu do outro lado da conversa completa este fundamento existencial. O relacionamento é *bom*, e recuperar o conceito divino do *muito bom*, com esperança e fé no humano, é permitir um encontro ético que quebra barreiras, limites, preconceitos e dificuldades.

²⁵ BUBER, Martin. *Imagens do bem e do mal*, 1992, p. 31.

O bem, na filosofia de Buber, portanto, está acima de qualquer sistema ético de ordenação social, pois “todos os que conhecemos surgiram por causa dele”²⁶, do bem, e subsistiram ou subsistem por causa dele também. A ética tem sua origem na revelação. A revelação principal é a revelação do serviço humano no objetivo da criação. *Ser humano* é estar a serviço de si mesmo (o indivíduo que realiza a verdadeira individualidade criacionalmente idêntica a ele) e a serviço do outro (o semelhante, aquele que também é um Eu em relação ao Tu, o meu Eu). Parte-se, primeiro, do eu para o outro, e, depois, para Deus. Fazer o bem é tomar uma responsabilidade ética, mas estar além da própria ética, pois a ética é um dos resultados do humanamente correto. Toda decisão pessoal e humana, feita com a alma, todo o ser da pessoa, só existe uma direção: o próprio bem.

6. Uma religião do encontro

“Não é a ética a mais próxima dimensão da religião?”²⁷, perguntou Paul Tillich. É tão próxima que, para Buber, a ética não é apenas “o primeiro passo para a religião”, como é para Kierkegaard, mas a condição *sine qua non* da própria religião. Para a religião acontecer, deve haver ética – e a ética acontece, primeiramente, quando a pessoa humana se “confronta com suas próprias possibilidades, dividindo-se e decidindo entre elas sem se interrogar por outra coisa a não ser pelo que, aqui e agora, nesta situação concreta, é certo ou errado”.²⁸ O conhecimento de si próprio é a condição básica para a realização do encontro e da ética. Buber denomina esta condição básica de *pré-consciência*.²⁹ Os seres humanos se relacionam e descobrem o que são e o que estão destinados a ser, do que algo é e do que algo pode vir a ser, através do encontro. A ética é o fator fundamental que decidirá os *limites do ser*. Aqui, Buber explicita, mais do nunca, como já notamos anteriormente, seu caráter reli-

²⁶ BUBER, Martin. *Imagens do bem e do mal*, 1992, p. 65.

²⁷ TILLICH, Paul. *Teologia da cultura*, 2009, p. 42.

²⁸ BUBER, Martin. *Eclipse de Deus: considerações sobre a relação entre religião e filosofia*, 2007, p. 91.

²⁹ *Ib. ibid.*, p. 92.

gioso: o indivíduo se relaciona não somente com o outro, o Tu, mas com o Absoluto, o Tu Eterno. Para Buber, Deus, em um de seus aspectos divinos, é a *totalidade (das Allsein)* no relacionamento entre os entes.³⁰ No relacionamento total consigo e com o outro Deus se manifesta e a ética acontece. Ética e a religião se complementam. Na vida humana está, de um lado, a efetiva decisão moral do indivíduo e, por outro, sua efetiva relação com o Absoluto. Não podemos julgar ética e religião como meras faculdades da pessoa (como pensamento, sentimento ou vontade). Buber fala do *homem integral*: o conjunto de todas faculdades. A ética apenas guardará sentido se for inserida na religião, e a religião apenas fará sua função se abraçar a ética.

“Se dessa maneira concreta considerarmos a relação entre as duas esferas a partir do religioso, perceberemos sua forte tendência de irradiação sobre toda a vida da pessoa, o que provoca ampla mudança de estrutura: uma *religiosidade viva* procura produzir uma *ética viva*”.³¹

Religião e ética se correspondem numa relação mútua a partir da realidade da relação entre as esferas na vida da pessoa. Somente assim o indivíduo poderá, suficientemente, apreender essa relação em totalidade. O sujeito que busca na própria alma a separação entre religião e vida, para realizar suas decisões, não pode encontrar nela (em sua alma) a escala absoluta dos valores éticos. Religião e ética são dois parceiros inseparáveis para a responsabilidade no encontro consigo e com o outro.

Para Buber, vivemos uma época onde “a suspensão do ético invade grotescamente o mundo dos homens”³². A suspensão da ética propicia o distanciamento do ser humano com o outro (o Tu) e de Deus (o Absoluto). O distanciamento de Deus e a suspensão da ética promovem imagens pessoais do divino que servem para relações interessadas em algo além da ética na relação. Um exemplo desta suspensão da ética, para Buber (e também para Kierkegaard), é a ordem de Deus para que Abraão sacrificasse seu filho, Isaac. Este modelo de

³⁰ *Ib. ibid.*, p. 93.

³¹ BUBER, Martin. *Eclipse de Deus: considerações sobre a relação entre religião e filosofia*, 2007, p. 94.

³² *Ib. ibid.*, p. 111.

“suspensão teleológica do ético” soa, para Buber, como a falta da ética em Abraão e a criação de uma imagem do Absoluto como seu Deus – pois, se há uma voz ali falando com Abraão, mesmo ela não sendo evidente, é a voz de Satanás (1Cr 21,1). “Os falsos Absolutos governam a alma”³³, afirma Buber, eles estão por toda a parte, Ocidente e Oriente, Direita e Esquerda, judeus e gentios, transgredindo, sem empecilhos, a camada do ético, exigindo “sacrifícios” – a anulação do Tu. Esta é a pior das idolatrias.

Pela relação entre religião e ética deve haver uma nova consciência no ser humano para despertá-lo: precisa-se, com toda a força da alma, deixar a confusão do condicionado com o Absoluto. O falso Absoluto tem fronteiras e limitações na vida do Eu e do Tu. É preciso uma força especial capaz de apreender a manifestação do Absoluto que nunca desaparece; é preciso um humanismo ontológico; é preciso realizar o divino no mundo, tornar possível a teofania, ultrapassando todo dogmatismo objetivante das religiões estabelecidas pela religiosidade, e tornar o mundo e as relações éticas e responsáveis. “O homem não é então somente o fim ético de uma doutrina ontológica, mas o começo desta doutrina e de todo o pensamento ulterior”.³⁴ Nas atitudes humanas (como a palavra, a alteridade, a reciprocidade) encontramos a raiz e o fundamento da ontologia do face-a-face. Buber denuncia o misticismo tradicional que nega o Eu e a realidade que lhe é essencial na relação. Do mesmo modo, nega qualquer imagem de Deus que desvirtue a ética e a responsabilidade no relacionamento humano.

Por fim, a ontologia da relação aponta para uma religião do encontro, que é a ética de raízes religiosas vivida em seu último auge. A religião do encontro implicaria num socialismo utópico, que é, em Buber, uma releitura de Landauer aos textos proféticos do Antigo Testamento.³⁵ A visão política de Buber foi influenciada pela “federação de sociedades”, de Landauer, na qual Buber, sempre interessado pelo diálogo, confere à ideia de Estado uma instituição que não fosse centralizadora, que criticasse a si mesma e que não fosse rígida.

³³ *Ib. ibid.*, p. 111.

³⁴ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. 2001, p. 48.

³⁵ Cf. BUBER, Martin. *Caminos de Utopía*, 1993, p. 77.

Buber sonhava com uma *comunidade de alteridade* – e um plano de governo que fosse social, e não político. Sua preocupação política se correlaciona à sua formação religiosa sionista, de forma que o solo da vida, enquanto terra sagrada, não pode ser motivo de expansão, mas de caminhada e mudança social do mundo. Assim, a religião do encontro é ética, independente do sistema político vigente; e a política apontaria para este encontro incondicional que só pode ser ético, independente da religião de cada ser humano e da religião predominante.

Considerações

As grandes obras, ideias e experiências possuem sua origem “no contato estabelecido pelo si-mesmo com o ser”³⁶, que está face a face. Não há, na imanência do mundo, nenhuma unidade em si fechada. Nossa condição existencial é da abertura para o encontro, da alteridade e do convívio com o diferente. Relacionamento é reciprocidade com o outro. São vãs todas as tentativas modernas em “interpretar esta realidade originária do diálogo como um relacionamento do Eu ao Si-mesmo ou algo semelhante, um fenômeno fechado no qual a interioridade do homem seria auto-suficiente”.³⁷ O relacionamento só existe com o outro, e sendo um diálogo é o fundamento ontológico do inter-humano.³⁸ Este fundamento ontológico confere outro sentido à existência através da relação entre as pessoas e entre as pessoas e Deus. A ontologia da relação se torna a base para uma antropologia que se encaminha para uma ética do inter-humano que modifica a religião.³⁹ Para a ética do inter-humano, do encontro e da responsabilidade acontecer, precisa-se *conhecer* o outro. “Conhecer é estar em contato direto”⁴⁰, relacionar-se diretamente com alguém e participar desta relação – esta é a noção de “conhecer” alguém no Antigo Testamento: estar junto, sofrer junto, ajudar junto,

³⁶ BUBER, Martin. *Encontro: fragmentos autobiográficos*, 1991, p. 61.

³⁷ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. 2001, p. 99.

³⁸ VON ZUBEN, Newton Aquiles, In: BUBER, Martin. *Eu e Tu*. 2001, p. XLII.

³⁹ *Ib. ibid.*, p. XLIV.

⁴⁰ BUBER, Martin. *Imagens do bem e do mal*, 1992, p. 17.

caminhar junto; não basta ter informações do outro, têm-se que conviver *bem* com o outro. Eu e Tu são duas polaridades que se diferem pela opção e atitude humana diante dos desafios da vida, mas que podem possuir o *bem* em comum. O indivíduo pode ver o outro, aceitá-lo em toda sua dimensão existencial e dialogal, ou pode manipulá-lo, tratando-o por um Isso. Sempre que alguém tenta manipular o Tu, perde-se a novidade e a graça que seria mediada na vida através do outro. Sempre que alguém tenta manipular o Tu Eterno, por métodos racionais ou irracionais, por mandamentos morais ou por meio de dogmas e culto, “o Tu Eterno transforma-se numa coisa e perde a divindade”.⁴¹ Conhecer o outro, no sentido de Buber e do Antigo Testamento, é, portanto, fundamental. A ética se torna no eixo do relacionamento onde o Eu e o Tu se envolvem e formam uma palavra-princípio: uma palavra que para ser proferida precisa de outra palavra que corresponda de igual maneira. A religião do encontro é a ética vivida em seu mais alto grau de entrega e de responsabilidade. Esta ética faz o ser se voltar para o bem original da criação, o *bom* e o *muito bom*; um resgate da religião que respeita o Eu, o Tu e o Tu Eterno em toda sua condição humana, divina e existencial, ajudando com que as almas cresçam juntas, num mesmo espírito, para a mesma direção: o Eu e o Tu Eterno.

Referências bibliográficas

- BUBER, Martin. *Between man and man*. New York: The Macmillan Company, 1965, 230p.
- _____. *Caminos de Utopía*. California: Fondo de Cultura Economica USA, 1993.
- _____. *Eclipse de Deus: considerações sobre a relação entre religião e filosofia*. Campinas, SP: Verus Editora, 2007, 153p.
- _____. *Encontro: fragmentos autobiográficos*. Petrópolis: Vozes, 1991, 85p.
- _____. *Eu e Tu*. 6 ed. São Paulo: Centauro, 2003. 170 p.
- _____. *Histórias do Rabi*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1967, 671.

⁴¹ TILLICH, Paul. *Teologia da cultura*, 2009, p. 247.

- _____. *Imagens do bem e do mal*. Petrópolis: Vozes, 1992, 70p.
- _____. *The prophetic faith*. New York: Harper Torchbooks/The Cloister Library, 1949, 246p.
- MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, 666p.
- OS PENSADORES: *Karl Marx – Vida e Obra*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2005, 256p.
- PENZO, Giorgio. *Deus na filosofia do século XX*. 2 ed. Rio de Janeiro: Loyola, 2000. 664p.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004, 416p.
- SMITH, Gregor Smith. *Martin Buber*. New York: John Knox Press, 1975, 45p.
- TILLICH, Paul. *Teologia da cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009, 272p.
- _____. *Teologia Sistemática*. São Paulo/São Leopoldo: Editora Paulinas/Editora Sinodal, 1984, 724p.
- VERÍSSIMO, Luis José. *A ética da reciprocidade: um diálogo com Martin Buber*. Rio de Janeiro: Uapê, 2010.
- ZUBEN, Newton Aquiles von. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. Bauru: EDUSC, 2003.